

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

E já no próximo domingo que se inicia a grandiosa excursão que o nosso quinzário leva a efeito, visitando alguns dos mais pitorescos pontos do país, como Santarém, Abrantes, Castelo Branco, Covilhã, Serra da Estrela, Luso, Buçaco, Penacova, Coimbra, Lousã, Tomar, Fátima, Batalha, Nazareth, Alcobaça, Caldas da Rainha, Praia de Santa Cruz, etc., etc.

A excursão, que se efectua no mais luxuoso e moderno auto-carro da acreditada Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, é limitada este ano a 32 pessoas.

A sua duração é de 3 dias, e o preço da passagem escudos 150\$00.

Poucos lugares restam para esta magnífica excursão, motivo por que os retardatários não devem demorar a sua inscrição.

COMO noutro lugar dizemos, é, finalmente, na próxima quinta-feira que se realiza no Belém Club a primeira representação da célebre opereta "A Viuva Alegre" e à qual faremos, no próximo número, a devida referência.

NO hospital da Misericórdia, foi operado á apendicite o nosso velho e delicado amigo Anibal Pinheiro, distinto gráfico da Imprensa Nacional.

A operação que decorreu feliz, foi feita pelo ilustre cirurgião Ex.º Sr. Dr. Carmona. Ao nosso amigo, desejamos rápido restabelecimento.

EM Castro Daire, Viseu, a família Serrado, contribuiu com 150 contos para a construção do edificio escolar naquela localidade.

Bem hajam tam nobres doadores, que mostraram possuir uma consciência perfeita.

OS profissionais da mentira são irmãos gêmeos dos profissionais do crime, e tiveram, todos, o descaro e a miséria moral por país.

O SILÊNCIO

O silêncio é sempre imponente. Mesmo quando encerra no seu mutismo pesado e asfixiante uma idea injusta, o silencio é sempre imponente. Quando sós, na êrma planície, longe e infinita, apuramos o ouvido e procuramos escutar a voz do vácuo, o silencio que nos envolve é misterioso e profundo como a treva densa de uma noite de procela. Enche-o mil ruidos que não são ruidos, são rumores indistinctos da nossa própria alma, são fantasmas flutuantes na atmosfera diáfana, são anseios vagos que se sentem e não se exprimem porque não têm fisionomia, nem cor, nem forma. Nada mais ruidoso do que o silencio.

O trovejar forte ensurdece, o grito angustioso horroriza, o doce lamento emociona — mas o silencio penetra-nos, angustia-nos, sufoca-nos como mão invisível que lentamente nos apertasse o coração até lhe roubar o ritmo vitalizante das palpitações.

Morre-se esmagado pelo silencio como sob o peso de um subterrâneo que abate. Quere-se chorar e é impossível; pretende-se gritar e teme-se que o ruido da nossa voz, rompendo o silencio, quebre o equilibrio universal, que está em toda a parte e não se sabe aonde, desmanchando a harmonia tranqüila e firme de tudo o que dos cerca.

O ruido é uma companhia; o silencio, solidão. O homem que vive na vertigem ruidosa está acompanhado, o que vive no silencio é um abandonado, um ignorado átomo, um ninguém.

Eu vi — porque é no silencio e na obscuridade que a alma humada ve com maior penetração — a guerra, a guerra monstro, a guerra simbolo de sofrimento máximo e de crueldade inultrapassável. Era um dragão imenso, recortado num horisonte vermelho e sinistro, os olhos brilhantes de esmeraldas raras, as narinas largas como crateras de vulcão expelindo jactos de labaredas, na bocarra escancarada, dentes alvos como pérolas cintilantes, as garras enormes de lâminas de ouro.

Horroriza-me a morte pelo silencio e pela treva que a envolvem: o silencio do não ser e a treva da tumba. Há meses, no dia 9 de Abril a exemplo dos anos anteriores, guardaram-se dois minutos de silencio — dois séculos de asfixia. Na quietação profunda, o pensamento humano toma uma flexibilidade, uma leveza, uma flexidez assombrosas. Chega a tocar a alma imponderável.

Argutos eram os velhos sábios que procuravam no isolamento dos jardins o ambiente dos aromas para meditarem toda a beleza do seu pensamento, que é um aroma subtil da alma humana.

CONTINUA com todo o afan, por parte do pessoal da Companhia das Aguas, o assentamento de canalização para condução d'esse precioso liquido, até o alto da Ajuda.

A quem competir pedimos que se interesse pela colocação de marcos fontenários nos locais indicados pela sua necessidade.

Oxalá que sejamos ouvidos.

SAIU com alta do Hospital Militar da Estrêla, depois dum aturado tratamento a que foi sujeito, o nosso querido amigo e colaborador, Viriato Pedro Antunes da Silva, a quem já tivemos a satisfação de abraçar, achando-o muito melhor dos seus padecimentos, com o que muito folgamos.

NÃO há duas espécies de honestidade, uma para casa, outra para a rua, uma para a noite, outra para o dia, porque ela, a honestidade, é una, indivisível e inconfundível.

ACABA o professor Thyn-dall, da Pensilvania, de publicar um esquema dos problemas fundamentais que a ciência terá de resolver dentro de cem anos, e que são os seguintes:

- 1.º — Prolongamento da vida humana até 100 anos.
- 2.º — Cura do cancro, doenças venéreas e artritis.
- 3.º — Domínio ou abolição da dor.
- 4.º — Criação de facilidades que permitam dar a volta ao mundo em 26 horas, com perfeita segurança.
- 5.º — Produção de transmissores e receptores de rádio do tamanho de um relógio.
- 6.º — Viagem á Lua em carros inter-estelares.
- 7.º — Criação de luz solar artificial perfeita.
- 8.º — Alimentação química popularizada.
- 9.º — Conservação da beleza feminina até à velhice.
- 10.º — Aperfeiçoamento das películas cinematográficas afim de se poder produzi-las em cores e em relevo.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE 81207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 1.^{as} feiras ás 9 h.

Serviço nocturno às quintas-feiras

Calçada da Ajuda 222 - LISBOA - Telef. 81456

DE VEZ EM QUANDO...

De há certo tempo a esta parte, o balneário do Bairro Novo, de incontestável utilidade pública, não fornece banhos de água quente, por desarranjo na caldeira.

O facto é digno de lástima, tanto mais que a frequência é razoavel.

Esperamos que o contratempo seja muito brevemente remediado, a bem de todos os moradores da Ajuda.

Para conhecimento do público, informamos que o balneário pode ser utilizado em todos os dias úteis — com excepção da terça-feira, que se encontra fechado durante todo o dia — das 7 às 11 e das 17 às 21 horas. Ao domingo abre ás 6,30 e encerra ás 14 horas.

Seria bom que este horario estivesse afixado na porta do balneário.

*

Apraz-nos registar nas colunas do nosso jornal, que algumas dependências do Bairro Novo, sitas na Travessa da Boa-Hora, já foram utilizadas. Assim, temos agora, quasi no coração da freguesia, estabelecimentos para a venda de peixe, hortaliças, legumes frescos, frutas, carnes e outros géneros de 1.^a necessidade, o que evita, à população ajudense, a longa e áspera caminhada até aos mercados de Belém ou Alcântara.

Embora o desejo nosso seja a construção de um mercado no nosso bairro, não podemos deixar de nos considerar satisfeitos com a utilização das referidas dependências do Bairro Novo, pois que este facto constitui um melhoramento de que muito vêm a beneficiar os nossos paroquianos.

*

O Bairro Novo possui um lavadouro público, que reúne todas as condições exigidas pela hygiene. Agua corrente e á farta, muita luz, bastante ar e asseio, tudo encontramos nesse lavadouro.

Pois, apesar de tudo isso, a sua frequência é diminuta, como constatámos ante-ontem quando ali fomos colher as informações que acima demos sobre o balneário.

Curiosamente preguntámos á empregada, senhora por sinal muito educada, se havia na freguesia mais lavadouros.

Disse-nos que sim, que havia um outro na rua da Bica do Marquês, sem fazer quaisquer comentários.

Nós, que vivemos na Ajuda há uns três anos e que conhecemo-la bem, não tinhamos conhecimento do citado lavadouro, motivo porque subimos até à rua indicada, na intenção de o visitarmos.

Deixou-nos uma péssima impressão. A' porta um montão de lixo quasi que impede a entrada.

Ao passo que no higiênico lavadouro do Bairro Novo só vimos duas pessoas lavando, ali, no infecto lavadouro da Bica, cêrca de duas dezenas mergulhavam promiscuamente várias peças de roupa, dos mais variados donos e das mais variadas utilizações, numa água muito suja e tresandando a cloreto, contida em dois tanques de pequenas dimensões.

Arriscámos a pergunta a uma rapariguita que nos pareceu a mais acessivel:

— Esta água já cá está há muito tempo?

— Não, senhor: os tanques foram cheios pela manhã...

Agradecemos e retirámo-nos. Eram três horas da tarde...

O leitor que faça os comentários que quizer, pois nós reservamo-los para outra ocasião.

*

O muro que impedia o livre trânsito entre a Calçada da Boa Hora e a rua Pinto Ferreira (rua onde se encontra instalada a Central Telefónica de Belém) foi há dias deitado abaixo.

Bom seria que se pensasse também na ligação da rua Pinto Ferreira com a dos Quarteis, tanto mais que esta medida é aconselhada pelo grande incremento que está tomando o novo bairro construido nos antigos terrenos da Quinta do Almargem.

*

Há tempos lembrámos, à falta de jardins públicos na nossa freguesia, que se utilizasse o Largo da Memória para esse fim.

Agora que a Ajuda e a Alcolena vão ser dotadas de água, não seria conveniente que a União Nacional ou o Conselho Paroquial ou a Junta de Freguesia da Ajuda, ou ainda todas estas entidades reunidas, estudassem melhor a questão?

Não esquecer também que muito lucreria a população ajudense com o ajardinamento do Largo da Boa Hora.

*

O mictório da rua dos Quarteis acaba de ser demolido. Pedimos isso há um ano, pouco mais ou menos.

Pergunta-se: Quando será substituido por outro mais decente? Também daqui a um ano?...

*

Estamos em Julho, em pleno verão.

Porque não aproveita a Câmara o bom tempo para mandar concertar a Travessa da Boa Hora, a-fim de evitar que no inverno ela se torne intransitável?...

A. M. P.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone 81 329

CONSULTAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.**Carrilho Xavier**Todos os dias
ás 11 horas**Pedro de Faria**3.^{as}, 5.^{as} e sábados
ás 9 horas**Medina de Sousa**Todos os dias
ás 18 horas

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

PALATINO

Rua Filinto Elisio
(Alto de Santo Amaro)
TELEFONE 81 099

Espectáculos todos os dias
Matinéas aos domingos e feriados

O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

O Publico é quem manda. E o Palatino continua mantendo os seus espectáculos diários

Sábado, 3 e Domingo, 4, ás 21 horas — Domingo, matinée ás 15 horas: As excelentes super-produções

XANGAI-RUMBA

Dia 5, ás 20,30 horas: Exibição completa do grande filme de aventuras *A esquadilha misteriosa*.
Dias 6 e 7: *O homem que podia fazer milagres e Caprichos de milionario*.
Dias 8 e 9: *Canção do sol e Uma avaria no telefone*.
Dias 10 e 11 — dia 11, matinée: *Rocamboles e Sansão*.

Dia 12: O filme em 24 partes *A sombra misteriosa*.
Dia 13: *Uma vez no Carnaval e O capitão Sorrel*.
Dia 14: *Luzes da China e Dominadores do Oeste*.
Dia 15: *Sangue ardente e O morto que voltou á vida*.
Dias 16 a 18: O filme inteiramente colorido: *A filha do bosque maldito*.

Confissão e homenagem

(Conclusão)

Desde pequenitos que são sonhadores e simples, d'almas imersas na religião cristã. Para elles, como testemunho de tanto amor pelo divino mestre, basta-lhes no coração um amor profundo e pequenos fios de cordel em volta do pescoço, em cuja extremidade se acham um crucifixo ou uma medalha com a imagem de Nossa Senhora dos Afritos!

E na sua simplicidade tamanha, confiamos em Deus, lá vão diariamente, buscar ao mar o peixe que lhes dará o pão — o doloroso pão nosso de cada dia!

De repente, a tempestade acalma; o mar afrouxa na sua revolta; o vento não grita já, apenas geme; as ondas já não blasfemam, apenas choram — choro leve e tranquilo — lágrimas de piedade pelo muito que tinham acabado de fazer sofrer, na experiência, feita por Deus, dum amor que não morre, antes subsiste, apesar de tudo, por entre tantas inelencências e penares!

Ainda não refeitos de tanta comoção, espectadores de tão bela tragédia, acudiu-nos à mente, esta interrogação:

— Se esta revolta era apenas uma pávida demonstração do poder do mar que tudo quer e tudo pode, como teriam podido vencer o seu terrível antagonista, as nossas caravelas de Quinhentos, frágeis sustentáculos duma força enorme: a Vontade?

E então surgiu, de chofre, no écran da nossa sensibilidade, a gigantesca figura do Infante de Sagres: — Lá estava elle, forte, tentando dominar a fera do mar, alheio a fraquezas, alma coraçada pelo misticismo, em demanda dum fim: «Os Descobrimentos!».

Apontando os mares que ficavam lá para os lados do Oriente, inentindo nos mareantes toda a força da sua Vontade, nada o detinha:

— E! avançar, bravos marinheiros! Lá para longe há novos mundos que tendes de descobrir para honra da Pátria e vossa honra!

E os marinheiros da nossa raça, os fieis representantes da nossa raça, insuflados de entusiasmo, gritando de comoção, lá foram, aos poucos, de boa vontade, para as descobertas de novas terras e novos mares! O mar levantava-se, como uma barreira, à sua passagem, mas as pequenas e frágeis caravelas avançavam — pareciam mensagens divinas em demanda dos desamparados, aos quais os tripulantes iriam levar um pouco de Luz e de Verdade!

No promontório de Sagres, o Infante

abrangeia a distância e penetrava através de tudo, no segrêdo da fera que gritava raivosamente a sua impotência ao ver-se descoberta no seu covil!

E ao longe, os marinheiros arrojados e valorosos, defrontavam-se heroicamente com a fúria desmedida dos elementos que tentavam, a todo o transe, após o *concilio dos Deuses*, destruir as naus atrevidas que pretendiam devassar por completo os seus segredos, mas em vão! A *lusa gente* moldada nas batalhas, fortes descendentes do conquistador, firmes como rochas, não fraquejavam e avançavam, avançavam por *mares nunca dantes navegados*.

No alta dos mastros os Pendões das Quinas; nas velas a Cruz de Cristo, nos corações o amor a Deus, tudo isto lhes dava coragem e confiança para vencer! Recuar, jámais!

Lutaram e venceram! O Infante não era um visionário, um sonhador impenitente — eis a sua melhor recompensa após tantos esforços!

De então para cá a nação prosperou, consolidou-se — os seus filhos mais dedicados, ao contrário, foram esquecidos, cruelmente esquecidos!

Agora que se aproxima a data da romagem a Sagres em tão boa hora organizada pela C. P. com o patrocínio do «Diário de Lisboa», para lembrar o Infante, a quem se ficou devendo a era dos descobrimentos que foi o impulso mais vigoroso para a nossa estabilidade, os Novos do país não deverão esquecer tão grada figura para assim, num gesto justo e nobre, demonstrar cabalmente todo o seu reconhecimento pela obra grandiosa da maior figura da nossa Raça!

Esquecer, seria crime! Não recompensar, seria ingratição!

Ora, nem esquecido será, porque a gente moça do país lá-de acorrer de bom grado, a Sagres, para patentearem o seu entusiasmo e o culto pelo Infante D. Henrique, nem tão pouco não será recompensado, recompensado nobremente!

Será qualquer coisa de grandioso, de sublime, uma patriótica Romagem a Sagres — milhares de portugueses acorrerão, de corações dilatados pelo entusiasmo, honrando-se com a honra que vão prestar! Milhares de portugueses aproximar-se-ão respeitosos e emocionados do Promontório de Sagres — lar acolhedor do Infante nos seus momentos de meditação!

Como podiam, pois, os novos dêste país

secular, de tradições brihantíssimas, pioneiro da Civilização, Draconário da Religião, ficar indiferentes à homenagem ao Infante?

Lembra-vos, jovens do meu País, meus companheiros, que tendes o dever de cumprir, sem indecisões, as ordens dos vossos corações! Eles dir-vos-ão como nos disseram a nós, que a melhor maneira de demonstrar a nossa gratidão, o nosso reconhecimento imperecível ao Infante, deve ser a vossa ida a Sagres!

Quando soar a hora da chamada em Sagres que todos respondam, que se oiça da boca de todos os povos o gritar vibrante: Presente!

E vereis então meus companheiros, depois de lá estardes *amor da Pátria não movido de prêmio vil, mais alto e mais além!*

Manuel Marques Gastão.

Casa Belmira

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
A PREÇOS BARATÍSSIMOS

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras
Grande sortido em fiôres artificiais

Rua Coronel Pereira da Silva, 15
(Bairro Económico da Ajuda)

GEWIROL

é a marca da magnífica máquina
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L.^{da}

Calcada da Ajuda, 176, vende em
prestações de 7\$50 semanais
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos
fotográficos e aceitam-se trabalhos
de amadores

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga mercearia Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece.

EVORA, CIDADE-MUSEU

Acompanhados de alguns amigos, visitámos no passado domingo, a linda cidade de Evora, a cidade mais asseada do país, a cidade-museu.

Muitos milhares de pessoas acorrem atraídas pelo deslumbramento das Festas que ali se estão realizando com grande brilhantismo.

De toda a parte chegava gente. Do Barreiro, de Elvas, do Portalegre, de Montemor, gente dos campos, tudo a mancomunar-se no mesmo ideal de espiritualização, no mesmo ansio de encher a alma de goso num perfeito lastro para equilibrio do trabalho árduo e duro que têm necessidade de praticar por necessidade de viver.

As Festas da Cidade, encheram muita gente de curiosidade e de certo esses milhares de visitantes ao voltarem ás suas terras, irão deslumbrados, não só pela beleza arquitetónica de Evora, como pela manifestação de actividade baírrista que representa a remodelação da Feira.

Escreveu Fialho de Almeida que Evora é a história portuguesa escrita em obras de arte, e nem é necessário aturado estudo de investigação para isso se concluir.

Ainda Portugal não tinha este nome de sonho e já dêsso tempo guarda Evora recordação. O templo de Diana

— conhecido por este nome — o mais importante de quantos atestam a passagem dos romanos por estas provincias, dá-nos a visão dum povo dominador o forte, imaginoso no seu paganismo, senhor de força e inteligência, adestrando o corpo e cuidando da alma.

O aqueduto de Sertório, véllinho, carcomido pelo tempo, ainda abastece do águas a cidade, que Geraldo Sem Pavor conquistou mas canta simultaneamente, nas suas linhas amplas, arrojadas, nos seus arcos monumentais, a grandeza, o arrojo, os empreendimentos do povo romano.

O Senhor da Pobreza e S. Mamode — embora sem a cúpula bolbosa, os miranetes cilindricos, os estuques relevados que caracterizam as mesquitas, têm vestígios, pormenores, recordações que as fazem lembrar — murmuram a simplicidade, a moleza, a resignação do árabe: o almudam que do alto dos almenários chamava o povo á oração.

Passaram os tempos dos povos movédicos e arrojados, impelidos para a Península e Lusitânia — não sei por que sortes, estabelece-se Portugal, torna-se reino independente, e Evora, a Liberalista Júlias dos Romanos, a capital dêsso povos orgulhosos, do-

mina ainda como Rainha, acompanha todos os acontecimentos, prima nos empreendimentos, e, da grandeza de ânimo do povo inicial da Pátria, da sua fé, da sua arte, fala hoje a grandiosa Catedral, santuosíssima Basílica, mandada edificar por D. Soeiro, em época muito remota da história, no ano de 1186. Tudo na Catedral é digno de nota sob o ponto de vista artístico, mas como Evora, no dizer de Fialho, é uma história aberta de Portugal, transcrevemos uma passagem dum historiador dos monumentos do Alentejo, antes da meditação do valor artístico da catedral:

«Sob os lugedos ou nas suas áreas tumulares ostão os ossos dos que viram e privaram com os reis, em sete séculos de monarquia. Uma podra nos diz do Salado, outra da Lúcia francesa; aqui jaz o que salvou o mestre do Aviz, além repousam André de Rosende e Severin de Faria. No púlpito dessa catedral soou a voz de S. Francisco de Borja e de Fr. Fortunato de S. Boaventura. A mais vibrante página do grande Fernão Lopes é a história da morte trágica de Joana Peros, freira que passou por essas naveis; antes estivera aí a gentil figura de D. Leonor; e bastas

(Continua na página 7)

AINDA o sol não tinha apparecido no horizonte, e já no cais marítimo duma grande cidade, ia uma azáfama enorme.

Homens de calça dobrada pelo joelho transportavam á cabeça ou aos ombros, pesados fardos e caixas com toda a espécie de mercadorias que iam colocar dentro de pequenas embarcações que sulcando as águas do Oceano transportavam a carga para o grande navio da marinha mercante, que, em breve levantaria ferro, com destino a longínquas paragens.

Um barulho ensurdecedor se ouvia de um extremo ao outro do cais. Gritos alegres de crianças — erguidas a uma hora tão matinal na esperança de ganharem alguns cöbres em troca de serviços, — alguns pouco em conformidade com as suas débéis forças — misturavam-se com as vozes ásperas dos homens, e o rumor cadenciado dos remos, que braços fortes e musculosos manejavam com

destreza, fazendo vogar, ligeiramente, os frágeis barquinhos.

Ao longe, uma voz juvenil cantava com doçência uma singela quadra:

Canta sempre o marinheiro.
Sua desdita ou ventura
Sobre o mar, lindo, altaneiro,
Que é a sua sepultura.

No céu de um azul muito puro, surgiu enfim o sol, primeiro nublado, depois, com intenso brilho, dardejando os seus raios sobre as límpidas águas, que, antillavam em reflexos prateados.

Aproximava-se a hora da partida e o cais já livre dos inúmeros fardos que horas antes o pejavam, começava a encher-se de uma multidão que accria a despedir-se dos tripulantes, os quais sentiam já a dor que provém da ausência e a garra da **saude** cravar-se-lhes no peito, mas que mostravam nos rostos tímidos e sorridentes a bravura peculiar aos marinheiros.

Entre aquella avalanche de pessoas, na sua maior parte contida por gente humilde, destacava-se uma rapariga modestamente vestida — o que não excluía uma certa elegância e distincção — e que inquieta percorria com o olhar o cais em todas as direcções, como se procurasse alguém que a ansava ver.

Nisto uns dedos que lhe tocaram no de leve, fizeram-na estremecer e voltar-se rapidamente, mas reconhecendo Henrique na pessoa que a interpelava, o olhar illuminou-se-lhe num súbito clarão de alegria.

Henrique, tomou amorosamente entre as suas, as mãos de Silvia e murmurou com ternura:

— Silvia, meu amor, sempre vieste! Se soubesses como

Gráfica Ajudense

- TIPOGRAFIA
- PAPELARIA
- com agêncs de
- Tabacaria
- Perfumaria
- Livraria
- Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176
TELEF. 81757

3\$00 é o preço que a Gráfica Ajudense Ltd. vende na caixa de optm papel para cart com 50 folhas e envelope, fortes interiormente

Verdadeiro rechinchal

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

A mulher atravez os tempos

A mulher da actualidade, se não é a escrava do beduíno errante, a odaliska dos harems da Asia e a Aspasia ateniense, não é também a concubina da Etrúria e do Lácio, nem a Messalina de Roma.

A mulher de hoje é a expressão mais vivaz e consoladora das nossas civilizações. Idealizou-se no periodo cavalheiresco, ao alvorecer do cristianismo na Europa.

Divinizou-se a Germânia, entoaram-lhe himnos sagrados os druidas nas florestas das Gálias, reboou-lhe a fama pelos bosques da velha Armórica. Foram elas as sagas das regiões árticas, as sacerdotisas das legiões, dos Francos, as musas dos bardos dos trovadores e dos cruzados — e o seu nome, o nome da mulher, criou o ideal romântico do amor, que fez dêsse talisman a alma e a vida das gerações modernas.

O culto de Maria, a virgem da Nazaré — simbolo da perfeição suprema — e que correspondia ao sentimento que os escandinavos e alemães tinham pela mulher, foi aceite com entusiasmo.

O amor vagueou-se num molde que exprimia a bondade infinita e toda a omnipotente magostade da misericórdia e do perdão.

Nos jardins da França, no centro do Languedoc e da Provença, criaram-se as cortes de amor e os torneios

do espirito e da gentileza. Foi dêsstes focos de luz e de sentimento que mais tarde surgiram os poetas de Beatriz, de Margarida de Navarra, de Joana de Provença, de Branca de Castela, de Inês de Castro, e assim se idealizou a mulher nas sumptuosidades e magnificências do belo ideal. Eva, seduzindo Adão, foi um mito perdido na transfiguração luminosa desta nova crença. A assunção da Virgem criou a apoteose da mulher.

No ciclo da efervescência católica, na evolução do fervor religioso, depois de Santa Helena e Santa Mônica terem afirmado o periodo cristão, vieram Santa Ursula, Santa Iria, Santa Genevêva, Santa Margarida, Santa Tereza, Santa Isabel e tantas outras que, assim como as monjas das mais austeras religiões, ardiam pelo amor divino e sacrificavam a sua vida ao cristianismo, que as apelidava vestais, no formoso agiologio das suas crenças.

Veiu mais tarde o abatimento, rompeu-se o dique desta catadupa, que golfava lágrimas de sangue e de enternecimento pelo Cristo, exangue, pregado na Cruz, transbordou o cálix das amarguras do Golgotha, surgiu a descrença, entrou o cepticismo, com os ardis da serpente, no Eden, com as astúcias do génio mau da cosmogonia do Zoroastro, no paraíso terreal,

e, como Venus irrompendo das ondas cristalinas Helesponto, ergueram-se Diana de Poitiers, Montespan, Pompadour, Ninon de l'Enclos, Marion Delorme, Duféfant, du Chatelet, Dubarry, e no turbilhão do ciclone da Revolução Francesa, em 1789, levantaram-se as musas do terror, a par das megóras das barricadas, ao lado da guilhotina. Como a mulher se presta, nas suas convulsões históricas e nos seus impetos nervosos, a ser Venus e Lucifer, a ser a imagem do Belo e a expressão da Crápula! A ser a deusa do Olimpo pagão — a austera Juno — e em seguida a deusa Kally — a voragem do sangue humano!

Depois do século dezaseis foi a mulher rolando pelo pendão das lutas mais ferozes. Quebraram o idolo e os seus fragmentos ficaram dispersos como os membros de Orfeu. Abandonou o lar doméstico, apagando-se o epitáfio romano: «viveu em casa e fiava lã». Quiz governar a vida politica dos povos. Fez-se Maria e Catarina de Médicis, duquesa de Chevreuse, Maintenon. Brincou com o ceptro dos homens de ciência e das letras. Transformou-se em enciclopedista. Foi Duféfant, Espinasse, Georgin, Roland, e no pseudónimo, George Sand e Fernan Caballero.

E acabou por onde devia ter começado: em heroína da sua justa liberdade e emancipação.

Armando Marques Pereira.

A alma de Henrique, foi nesse momento atravessada pelo remorso, e, semi consciência do que fazia, querendo ser visto por Silvia, trepou á amurada, mas um súbito desfalecimento fez-lhe cambalear e faltando-lhe um apoio, caiu desamparadamente nas águas, que se abriram para o receber e logo se fecharam sobre elle.

Ninguém a bordo deu pelo trágico incidente, mas o vulto rígido de Silvia que do cais seguia atentamente o barco, dando pelo drama, correu para o mar que lhe acabava de arrebatar o seu amor — a sua vida — e sem um grito, sem um lamento, arrojou-se para as águas do Oceano, que novamente se abriram para receber aquelle corpo de linhas harmoniosas.

As poucas pessoas que em terra presenciaram o comovido drama, sem que tivessem tido tempo de intervir, correram a prestar socorros, mas após inúmeras pesquisas, apenas encontraram dois corpos estreitamente enlaçados, que a morte arrebantara e cujas almas voando para o céu, iam celebrar junto de Deus as suas nupcias de amor...

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanzuello, Retrozeiro, Roçparia e Gravalaria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINÇAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE 81456

Nova Padaria Taboense

DE ANTONIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente se publiche para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. 81656 — AJUDA — LISBOA

LIVROS

AGUARELAS

de A. Vicente Campinas.

Vicente Campinas escreveu agora o seu primeiro livro. Embora seja bastante novo, firmou-se um jornalista vigoroso no jornal «Foz do Guadiana», que fundou e dirigiu até há pouco tempo.

O seu jornal em breve se tornou lido quasi em todo o país, sobretudo em Lisboa e Porto, devido à sua inteligente direcção e aos belos artigos que inseria, alguns deles dos melhores escritores, cientistas e jornalistas contemporâneos.

Pelo seu trabalho insano e pelos ideais puros que sempre tem manifestado através dos seus escritos é bem merecedor do bom acolhimento que possamos dispensar à sua obra.

Para a sua estreia literária A. Vicente Campinas escolheu a poesia e não foi infeliz. Em pouco mais de cem páginas soube traduzir com exuberante poder um pouco do seu sentir de artista, pintando o pôr do sol com suavidade e brandura; a mágoa que o fere comparando o trabalho titânico cheio de nobreza e valor do camponês, do pescador e do mineiro, sobretudo deste último, que no fundo da mina nem sequer lhe é dado saudar a luz do sol, e a sua existência miserável; e por ultimo o seu anseio de libertação.

Bem se reconhecem nos versos as boas qualidades morais do autor que não desmentem no convívio que tenhamos com ele.

Assim têm sido todos os poetas algarvios.

«Três tempos» é o titulo dos três sonetos que se seguem.

I

Era noite de inverno... O temporal tecia rendas de água, em escuridão. O vento, em sinfonia original, parecia bem-dizer a insubmissão

dos astros revoltados... Um trovão, e outro, a seguir, se ouviu em fúria tal, que se diria uma fenomenal luta entre o Bem e o Mal, na Escuridão...

Enquanto a tempestade ia aumentando, num progresso feroz, tudo arrazando na sua doida fúria de tener,

em fôfas camas, preguiçosamente, os ricos cochichavam alegremente: — Que prazer é p'ra nós ouvir chover!...

II

Exposto à chuva, que tudo encharcava, exposto ao vento gélido e bravio, um vagabundo, errante, caminhava constantemente a tiritar de frio.

Tinha o corpo gelado. E, quando viu um palácio que o tempo fustigava, extraordinária esperança o seduziu: — «já tenho onde ficar», êle pensava.

Trôpegamente caminhou p'ra lá. E bateu ao portão, trêmulamente, pensando já no abrigo acolhedor.

— Quem é que está aí? Quem é que está? — Um pobre velho inválido e doente. — Não há lugar... Perdão, pelo Senhor...

III

E meteu-se a caminho, o pobre velho, procurando lugar para pousada, que, afinal, encontrou, no vão da escada de um prédio escurecido de vermelho.

Era pequeno o espaço, e o pobre velho mal cabia de pé. Mas, pela estrada, viu passar uma «sombra» abandonada, — um pária igual a si, seu próprio espelho.

— Irmão, irmão, vem para cá, irmão. Aqui temos lugar... chega-te bem. Cabemos, apertados, não faz mal.

Bem juntos, coração com coração, havemos de sentir calor, também, até que passe o horror do temporal!...

O livro apresenta excelente aspecto gráfico e uma linda capa da autoria de Roberto Nobre.

A edição é da livraria Horácio Salvador, de Faro.

Ramiro Farinha.

José Tavares

Depois de prolongado sofrimento, finou-se na passada semana este nosso dedicado amigo, sócio da firma Ivo & Tavares, casado com a sr.^a D. Júlia Tavares, deixando na orfandade uma filhinha a que muito estremecia.

No funeral que constituiu uma espontânea manifestação de saude, incorporaram-se grande número de amigos.

A toda a família enlutada e em especial a sua viúva, apresentamos a expressão do nosso pesar.

RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na

RELOJOARIA

DE

Albano Machado

C. da Ajuda, 162 - Telef. 81 236

LISBOA



VINHOS DE CHELEIROS

MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região, encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109-117
Rua da Junqueira, 293B-293D
Rua Leão de Oliveira, 36-38
Largo 20 de Abril (Calvario), 1

Calçada da Ajuda, 95-97
Calçada da Ajuda, 154-156
Calçada da Ajuda, 212-216
Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81551

LISBOA

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE 81367

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE 81056

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L^{DA}**PADARIA**

Fornecer pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE 81520

EVORA, CIDADE MUSEU

(Continuado da 4.ª página)

vezes D. Nuno, o Condestável, e o mestre de Avis oraram sob os severos ogivos.

Se quiserem agora saber o que de precioso possui esta catedral, por muito que se dissera, antes de se examinar cada peça em separado e no seu conjunto, difficilmente se conseguiria dar uma idea clara do valor e da preciosidade do seu museu. Evora é o museu de Portugal, a Catedral o musou de Evora, mas dentro desta Catedral existe ainda uma sala — pura joia de arte — com o nome privativo de Museu. E não é por favor que este nome lhe é dado. As joias que possui, de há muito lho mereceram.

A Reliquia da Santa Cruz, adornada por mais de 1.300 pedras preciosas, num relicário de ouro purissimo, foi o que no Salado incutiu ânimo aos nossos soldados para os fazer voltar cantando a vitória. Ao lado do cálice de ouro, lavrado e esmaltado, com a data de 1587 e um brasão sobre uma cruz de S. Tiago em esmalte vermelho, constitui com a Nossa Senhora do Paraíso, as joias de mais valor entre as valiosas da catedral. A Senhora do Paraíso, oferta de Isabel Afonso, dama eborense, é uma imagem pequenina, esculpida em marfim abrindo em armário ou triptico e, quando aberta, mostrando nichos com figurinhas que representam: o Nascimento, Anunciação, Epifania, Ascensão e Pentecostes, Transito, Visitação, Assunção e Coroação. É obra do século XIII ou principios do século XIV, e de origem francesa. A colecção de paramentos é das mais consideráveis das catedrais de Portugal. Casulas, mitras singulos, sêdas cheias de ouro existem ali em grande número.

E esta Basilica, com as armas de Geraldo nas suas paredes seculares, não é o único monumento dos primitivos tempos cristãos. As basilicas dos Mártires de Evora: Vicente, Sabina e Cristela, a capela da prisão de S. Manços, são outros monumentos que recordam história e valem pela arte.

Se pretendermos agora percorrer a passos largos os séculos que nos separam da construção da Catedral, deparamos com monumentos de todos os séculos. «A igreja de S. Francisco, monumento com linhas góticas, lembra-nos a acção de D. João III e D. Manuel, a igreja de S. Antão a passagem

dos jesuitas por esta cidade, e a do Colégio, a célebre Universidade que floresceu aqui e hoje serve de Liceu. Casa Pia e Escola Industrial. A Ermida de São Brás, em estilo gótico-normando, com ar de fortaleza, bastiões, coracheiro e ameias, lembra D. João II. A igreja do Carmo, com a *Porta dos Nós*, barroco, recorda-nos uma outra época, a do domínio dos Braganças. S. Bento, o primeiro mosteiro de monjas cistercienses de Portugal, do tempo de Afonso I».

Bem dizia Fialho que Evora é a história de Portugal escrita em obras de arte.

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento**Bilhetes postais ilustrados desde \$ 50****C. da Ajuda, 176 — Telef. 81775****Moveis, Estofos e Decorações****Não basta adquirir mobília, é sempre preciso bom gosto**

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro**Facilitam-se pagamentos****Secção montada para fornecimento para toda a Província****Rua de Belém, 80 e 82**

TELEFONE 81237

LISBOA

Para os meninos (e meninas) que souberem ler

(Conclusão)

Bernardin de Saint-Pierre (Jacques Henrique) — Escritor e naturalista, autor de *Estudos da Natureza* e de *Paulo e Virgínia*, etc.

As suas obras muito contribuíram para conduzir na literatura o gosto pelo bucolismo.

Vernet (Claudio José) — Foi um admiravel pintor de marinhas e executou, com vigor e correção mais de 200 quadros, nos quais se nota que os efeitos de luz são verdadeiramente magníficos.

Chateaubriand (Visconde Francisco Renato de) — Ilustre escritor francês e que chegou a ser nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros. Escreveu com estilo brilhante, grande riqueza de inspiração, sensibilidade, eloquência, poder descriptivo e colorido de imagens. A sua formidável obra literária exerceu uma considerável influencia no desenvolvimento da literatura romântica.

Teócrito — Poeta grego, nascido 300 anos antes de Cristo. Foi o autor de *Idílios* e de *Epigramas* criando nêles o género pastoral. A sensibilidade, a imaginação, a observação realista e o instinto dramático, fazem dele um poeta de primeira categoria.

Virgilio — O mais célebre dos poetas latinos, autor da *Eneida*, das *Geór-*

gicas e das *Bucólicas*. Espírito delicado, alma dócil e sensível foi um imitador constante, mas maravilhosamente hábil, dos antigos escritores, particularmente de Homero e de Teócrito.

Não deixou no entanto de marcar, com um génio muito pessoal, pelo seu amor à natureza, pela inteligência e perfeição absolutas, estilo que sempre empregou nas suas obras.

Hesíodo — Poeta grego do século IX ou VII antes de Cristo. Autor de poesias com caracter religioso, didáctico e moral. *Os trabalhos e os dias*, a *Teogonia* são as suas principais obras legadas à posteridade.

Homero — Poeta grego, considerado como o autor da *Iliada* e da *Odisseia* segundo uns, mas de quem alguns sábios investigadores contestam a existência, atribuindo as citadas obras à compilação de cantos populares dos antigos, postos por ordem por outrem.

Bom Pastor — O Deus criador dos mundos e guia da humanidade.

E com esta breve resenha biográfica assim completou a lição que a instruída Milocas dera ao pretencioso Fortunato. Que a êle aproveite tanto como, aliás, eu espero os meus possíveis leitorzinhos aproveitem.

Alexandre Settas.

AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}
Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

Sociedade Cooperativa de Crédito e Consumo "Aliança Operária"

Comemorando o 49.º aniversário da sua fundação, começam hoje as festas que uma comissão de sócios desta prestante e acreditada Cooperativa, leva a efeito nas salas do prestimoso Ajuda Clube, gentilmente cedidas pela sua direcção.

Do programa de hoje, faz parte um surpreendente sarau, que será dirigido pelo velho amador sr. Alfredo Guedes e em que colaboram elementos de grande valor, bem como a nóvel Troupe Jazz «Os Perfeitos da Ajuda».

Amanhã, pelas 16 horas, grandiosa matinée sob a direcção do conhecido amador sr. Sebastião Judicibus, com a apresentação da gentilíssima amadora Odete da Assunção Judicibus, realizando-se pelas 21 horas, um baile abrilhantado pela Troupe «Os Cinco do Jazz».

Dia 10 — Apresentação da aplaudida Orquestra Típica «Trapalhofona», composta de 25 figuras, que tam apreciada tem sido através das várias estações de rádio da capital.

Domingo, 11 — A's 16 horas, matinée, dirigida pelo apreciado amador sr. Joaquim José de Lima, com a apresentação de números de variedades, em que colaboram, de entre outros, os amadores José dos Santos, João de Oliveira e Armando dos Santos. A's 21 horas, soirée dançante.

Sábado, 17 — Surpreendente sarau dirigido pela apreciada amadora Arménia Santos, em que tomam parte grande numero de amadores, sendo este espectáculo abrilhantado pela simpática Troupe Jazz «Os Girasóis», sob a inteligente direcção do maestro sr. Higino Coutinho.

Domingo, 18 — A's 16 e 21 horas, respectivamente, variedades e baile.

Quinta-feira, 22 — A's 22 horas. Festival dedicado aos sócios e famílias do popular Ajuda Clube e da Cooperativa em festa.

Sábado, 24 — Festa de confraternização, na sede social da Cooperativa.

Domingo, 25 — A's 16 horas. Sessão solene, para a qual estão convidados vários oradores. Durante os intervalos far-se-á ouvir o distinto Grupo Musical «Os Aliados», sob a direcção do sr. Joaquim Teixeira. A's 21 horas, encerramento das festas, com a colaboração da aplaudida Troupe Jazz «Os Vencedores».

E assim terminarão as festas comemorativas do 49.º aniversário da fundação desta modelar Cooperativa que é, quanto a nós, aquela que mais bem integrada está no movimento cooperativista do país.

Para a sua direcção e comissão de sócios, os nossos agradecimentos pela gentil oferta que nos foi feita, a favor duma monina nossa protegida, que receberá um vestido.

LOTARIAS

A Gráfica Ajudense abre todas as semanas um bilhete da lotaria em entradas ao preço de 1\$00, facilitando assim às pessoas menos abastadas, a possibilidade de jogar na lotaria.

BELEM-CLUB

“A Viuva Alegre”

Por dificuldades imprevistas, foi transferida a 1.ª representação da opereta “A VIUVA ALEGRE”, que amanhã se deveria realizar no Belém-Club, para quinta-feira próxima.

A caneta
preferida
no mundo
inteiro

CONKLIN

Por 5\$00
e 7\$50

semanais, com bônus, podereis obter uma excelente caneta



Conklin

na

Gráfica Ajudense, L.^{da}

C. da Ajuda, 176 - Telef. 81 757

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento

Bilhetes postais ilustrados desde \$50

C. da Ajuda, 176 — Telef. 81775